

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 18000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 13425 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (MORDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 23000 RS.

## PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

## PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS. C. 135 RS. NO BRAZIL.  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

## Aveiro

### CLERICALISMO E PULHISMO

No seu excellente livro — *A Vida das Sociedades* — diz-nos o dr. Bordier, professor da Escola d'Anthropologia de Paris:

«A superstição representa no organismo o que ficou do passado, (*quod super est*) o que subsistiu como uma ruína erguida no meio das construcções modernas. O estudo das monstruosidades nos seres vivos diz-nos que o que nós designamos com este nome não é mais que a persistencia anormal, no individuo chegado a um certo periodo da sua existencia, d'uma disposição organica, que era normal n'um periodo precedente, na sua vida embryonaria, que deveria ter desaparecido, mas que, por excepção, se manteve, enquanto os outros orgãos seguiram o seu desenvolvimento normal; assim as superstições são da mesma fôrma a persistencia, n'um estado social relativamente avançado, de crenças que tiveram a sua razão de ser em phases precedentes, mas que já não estão em relação com o nivel geral dos outros conhecimentos; constituem no corpo social uma anomalia, uma verdadeira monstruosidade. Lançae os olhos sobre a carta d'instrucção primaria em França; vereis que as regiões mais pobres em intelligencia são as mais supersticiosas, as mais clericas e as mais ligadas ás instituições politicas do passado.

«De que eu pasmo é de que, apesar do atavismo, apesar da tradição, apesar de todos os esforços feitos em todos os tempos pelo clericalismo para castrar o espirito humano, a humanidade tenha marchado entretanto, a passos curtissimos é certo, mas emfim marchado na via da emancipação intellectual; porque o clericalismo, qualquer que seja a sua fôrma e a religião a que pertença, é, por essencia, inimigo nato de todo o progresso: a todos os padres e de todas as religiões se póde applicar a phrase de Diderot: «Quando um padre favorece uma innovação, a innovação é má; quando se lhe oppõe, a innovação é boa. Eu apello para a historia. E' o contrario do que succede com o povo.» E o grande pensador den ao mesmo tempo a explicação da vitalidade do espirito humano dizendo: «Os excessos religiosos são loucuras, que se não podem aguentar contra o impulso constante da natureza que nos faz voltar ás suas leis.»

«As idéas religiosas fazem nascer muitas vezes, no meio social, uma verdadeira loucura, *hysterical religion*, como recentemente dizem os inglezes, a proposito de uma epidemia d'esse genero observada na Irlanda. Eu descrevi n'outra parte (1) as epidemias da

choreomania (1), da demonolatria (2), da theomania (3) e, d'uma maneira geral, o contagio nervoso observado, durante a idade media, nos diferentes paizes e notavelmente em França. Limito-me aqui a recordar os *ciótes*, no sétimo seculo, e as diversas epidemias de choreomania que devastaram a Europa durante a idade media, o mal de S. João, o tarantismo (4), a lycanthropia, as epidemias de theomania e as convulsões propheticas de Cevennes. O leitor, que desejar minuciosidades, que percorra a minha *Geographia Medica*»

Estas palavras são de grande auctoridade na bocca de Bordier, tão considerado no mundo scientifico, e veem reforçar o que nós tantas vezes aqui temos dicto: — o clericalismo é um cancro social, que importa arrancar de vez e decididamente para cura da mais grave doença de que enferma a humanidade. Cancro o mais prejudicial que se possa conhecer; doença a mais daninha e a mais horrivel. E por isso não é sem pena que nós vemos uns certos philosophos d'agua doce, uns certos reformistas e *avancados*, que nada sabem e tudo julgam saber, olhar com desdem para a questão clerical, que consideram uma questão *sentimentalista e metaphysica*. Não é sem compaixão e sem pezar que vemos separar a questão anti-jesuítica da questão anti-clerical. Se foram mais sabedores, mais lidos e menos petulantés todos esses *philosophos*, todos esses *reformadores sensatos e methodicos* não escreveriam nem diriam tamanhas heresias e tão profundos disparates. Ao contrario, empregariam todos os esforços na solução scientifica, racional e humanitaria da mais grave questão dos nossos dias.

Grave, gravissima! O clericalismo é o grande problema das sociedades modernas, que não progredem nem se aperfeiçoam com o socego e a evolução natural enquanto não o resolverem. E' o mais grave porque nenhum como elle affecta as condições physiologicas e psychologicas da especie. Porque nenhum tortura e dilacera o organismo humano com tão funestos resultados e tão tristes consequências. Porque elle é o principio, é a base, é o inicio de todos os outros. Resolvi o conflicto religioso e tereis resolvido os outros todos. Libertae o homem das influencias da Igreja e tereis aberto a consciencia humana ás soluções de todos os problemas sociais e politicos, que a justiça, a liberdade e a fraternidade vos sugerirem.

A questão clerical não é só uma questão politico-religiosa. E' uma questão profundamente scientifica, em que não se jogam os interesses de classes, mas o interesse de raças. Em que se não attenta contra esta ou aquel-

(1) Dança de S. Vito.  
(2) Culto ou adoração tributada ao demónio.  
(3) Mania ou loucura em que o doente se julga Deus ou inspirado por Deus.  
(4) Doença caracterizada por uma grande exaltação nervosa.

la collectividade, nias contra a grandeza ou aperfeiçoamento da especie. Desde o dia, em que para a evolução do homem cessou a necessidade supersticiosa, o clericalismo exerce no mundo uma acção de degenerescencia e recuo. Subtrahida ou impedida a livre expansão natural, o organismo escravo produziu as necessarias depressões psycho-physiologicas que dão a fraqueza da especie, a nevróse, a loucura, todas essas degenerescencias animaes que por um phenomeno singular, mas á face da sciencia perfeitamente explicavel, levam o homem de queda em queda até ás condições aproximadas da sua primitiva existencia.

Tal é o grande facto scientifico e a grande conclusão sociologica do problema clerical.

Bordier disse-nos, como se viu atraz, que foi na idade media, no predomínio do clericalismo, que a Europa foi mais devastada de epidemias e mais atacada das doenças que se caracterisam por exaltações nervosas.

E' um facto profundamente verdadeiro. Assim como os ignorantes, os ignorantes *estadistas e philosophicos*, consideram a questão clerical uma questão metaphysica e fossil, assim no vulgo corre a crença de que nunca houve saúde nem moralidade como a dos antigos. Nos tempos antigos não havia as doenças nem as devassidões que ha hoje. Isso eram outros tempos! Hoje está tudo perdido! Tal é o prejuizo do povo, que a gente ouve repetir de bocca em bocca.

Já provámos no numero anterior como o predomínio do clericalismo provocou a dissolução dos costumes e a ruína dos principios moraes e suaves que presidem á constituição da familia. Isto é, produzimos uma simples amostra do que foi tanta torpeza e tanta corrupção. Que nem falamos das infamias de Marozia e das duas Theodoras; nem das torpezas do celebre Gregorio VII, que, enquanto fazia esperar o imperador Henrique V no pateo do seu palacio, á neve, estava tres dias fechado n'um quarto com a condessa Mathilde; nem de torpezas maiores dos papas João X, Leão VI, Estevão VII, João XI, Alexandre VI, Leão X, Bonifacio IX, Innocencio VIII e tantos outros; nem das scenas de Lucrecia Borgia; nem dos entretenimentos das grandes castellãs, nem de milhares de deboches e de licenciosidades. Falaremos n'isso em outra occasião. Emfim, mal levantámos uma ponta do véo que encobre o quadro. Mas no pouco que fizemos havia o sufficiente para provar a intima harmonia entre o passado e o presente e que, então como hoje, é nos dominios do clericalismo que reina e reinou a maior devassidão e o mais perigoso elemento da dissolução social. Provámos isso. Hoje vamos provar que nunca, como nos periodos aureos do monasticismo, as epidemias e as doenças nervosas fizeram tantos estragos e tão largo desbarate.

A substituição official genera-

lisou-se d'uma maneira espantosa. As prostitutas de registo eram adoradas, uma especie de semideusas. Constituíam uma corporação numerosissima e poderosa, com ruas inteiras á sua disposição nas primeiras cidades europeas. Os lupanares chamavam-se *abbadias* (é celebre!). Não existia villa, por mais pequena que fosse, que não tivesse a sua *rua de prazer*. A organização das meretrizes chegou a ser curiosissima, e digna de ser estudada nos tempos actuaes. Tinham uma superiora, uma *geral*, como os jesuitas, que elegiam regularmente todos os annos e que prestava juramento nas mãos d'um magistrado! Em Italia chamavam-lhe a *Rainha do Bordel*.

As côrtes europeas obrigavam-nas a seguir os exercitos em campanha. Essas companheiras da tropa chegaram em França a obter a subida honra de se denominarem *reaes*, como distincção suprema.

Estes factos não podiam deixar de produzir uma propagação medonha das doenças syphiliticas. Foi horrivel.

«A syphilis foi outr'ora um flagello terrivel para a humanidade (dr. Debay).

Em Strasburgo tomaram-se energicas providencias contra os progressos da epidemia. As mulheres publicas foram mettidas em ruas e bairros afastados; foram sujeitas a castigos especiaes. Então as prostitutas refugiaram-se nas torres das cathedraes e nas proprias igrejas, onde os padres as protegeram (Dr. Carlo Calza.— Documentos sobre a prostituição.)

O proprio Francisco I morreu victima d'essa molestia.

«Ensinando a desprezar a carne, o clericalismo ensinava a porcaria. As ruas das cidades, estreitas, enlameadas, viscosas, cheias de imundicias, eram verdadeiramente pestilencias. Santo Athanasio fala das virgens e sacerdotizas christãs. Era-lhes prohibido lavar mais do que a cara e as mãos e a propria cara só lhes era permittido lava-la com uma das mãos. Os afamados banhos romanos estavam esquecidos ha muito. O pudor clerical tinha horror á nudez. Uma das coisas que mais encolerisaram Eude Rigaud foram as camisas e os lençoes imundicos de que certas freiras onsavam servir-se. A bicharada passeiava á vontade nas longas e espessas cabelleiras, apenas perturbada por furiosas cogaduras.

A peste e a lepra devastavam tudo, a par d'uma dysenteria permanente. Expição dos excessos dos grandes, consequências das privações dos pobres.

E' longa a nomenclatura das doenças, que cahiram sobre esse pobre povo da idade media. Havia, entre os mais frequentes e os mais celebres: o Bello mal, o mal d'Avertino ou a epilepsia; o mal d'Amiens, o mal de Santo André, o mal de Santo Antonio, o mal de S. Firmino, (não era peor que o do Manuel do mesmo nome. Lá isso é que não era!) o mal de Santa Genoveva, o mal de S. Germano, o grande mal, o mal

de S. Léo, o mal de S. Crescente, o mal de S. Verrain ou fogo sagrado; o mal quente ou febre quente; o mal de Santo Eloy, o mal de S. Juliano, ou abcesso e escorbuto; o mal de S. Martinho ou esquinencia; o mal de S. Nazario, o mal de Nossa Senhora, o mal de S. Victor etc. Na sua credulidade, os desgraçados designavam as suas doenças pelo nome dos santos sob cujo patronato punham a sua cura: os santos deixavam-nos morrer, e o seu nome, que era uma invocação, tornou-se a expiação da sua impotencia.

Nesta sociedade doentia passava-se perpetuamente da fé ao scepticismo, do riso desenfreado ao aborrecimento lugubre. Eis-nos no dia immediato ao da terrivel peste de 1348. Eis-nos no meio d'uma procissão de flagellantes. (1) Tendo abandonado para sempre as suas casas impozeram-se como juramento e como regra não dormir mais do que um dia em cada terra. E elles ahí vão batendo, e picando com agulhões de ferro uns nos outros!

O demonio da concupiscencia arrastava ás vezes a sociedade inteira a macerações em que a disciplina excitava os desejos, em que as austeridades se tornavam voluptuosidades, em que a penitencia e o goso se exaltavam uma com o outro, como n'essas procissões de 1315, que, para conjurar a peste, reuniam n'uma mesma multidão, homens e raparigas, salvo as mulheres casadas, inteiramente nus.

Todos os annos o S. João era celebrado com danças. Ora, em 1374, depois da peste negra, as danças nao cessaram na noite de S. João. Uma vez o signal dado ninguém mais parcou. Homens e mulheres de olhares esgazeados agarravam-se uns aos outros e punham-se a girar com uma velocidade vertiginosa. Giravam, giravam, como que arrebatados por um immenso turbilhão, até que, esgotados, caíam por terra n'um estado cataleptico. Quando se erguiam, supplicavam a S. João que lhes desse novas forças e reomeçavam. Pouco a pouco os que os estavam contemplando sentiam-se atraídos para esta loucura, entravam na roda e desapareciam no turbilhão. Depois a força centripeta, que se desenvolvia, attrahia á sua orbita as aldeias e a pouco e pouco as aldeias, todas as aldeias, homens, mulheres, creanças, velhos, arrebatados por aquella attracção furiosa se pizeram a girar, a girar até á morte. (2) Não se vivia, redemoinhava-se. A humanidade tornou-se n'um pião. Em Paris, o cemiterio dos Innocentes parecia engulir ás suas victimas. Começava-se por girar. Topava-se n'um tumulto: ninguém mais se levantava. O dançarino da manhã repousava á noite no carneiro. As festas e as danças da idade media

(1) Penitentes que iam pelas ruas fustigando o corpo com disciplinas e azorragues.

(2) Foi esta mania extraordinaria, este nervosismo que tantos milhares de vidas ceifou, que a sciencia ficou chamando vulgarmente—o mal de S. João.

(1) *La Géographie Médicale*, par le Dr. Bordier.

eram por conseguinte uma especie de danças macabras. O riso d'essas epochas era uma gargalhada d'esqueletos. Quando as multidões se deslocam parecem sempre que ouço estalar ossos.

Taes são, rapidamente indicados, os resultados da moral do clericalismo durante a epocha que os clericos não cessam, e com razão, de nos apontar como a de maior fervor. Não podiam ser outros, porque é impossivel negar as leis da natureza. Pode-se tentar falsifica-las, mas nunca se suprimem. Querendo-se ser asceta, cahe-se no deboche. Illusões, allucinações, delirios, perturbações da sensibilidade geral, appetites eroticos, propensão para a mentira: taes são os caracteres do hystericismo: a idade media querendo ser continente foi hystérica. (Yves Guyot, Doutrinas Sociaes do Christianismo.)

Assim se exprime Guyot. Da mesma fôrma que Bordier, que Letourneau, que Dzapar, que todos os homens de sciencia. Torpeza moral, torpeza intellectual e torpeza physica. Já provámos a torpeza moral e parte da torpeza intellectual e physica. No proximo artigo acabaremos de provar as duas ultimas. E não cessaremos de dizer a quem nos lê:

Olhae que o predomínio do clericalismo é a dissolução dos costumes e a deshonor da familia. Olhae que é a decadencia das raças e portanto a queda da patria. Olhae que é a depressão dos cerebros e portanto a degenerescencia da humanidade. Se tendes algum amor ao aperfeiçoamento da especie, á conservação da patria e á grandeza da humanidade, combatei-o sem treguas, nem descanso.

## COMICIO

Em virtude das festas democraticas de 14 de julho, realisadas na noute de hontem para hoje, e ás quaes assistiu o eminente tribuno e nosso distinctissimo amigo Manuel d'Arriaga, realisarse-ha no proximo domingo, pelas dez horas da manhã, no vasto armazem do Rocio já conhecido do publico, o comicio annuciado para hoje em Aveiro. Tomarão parte n'essa importantissima reunião, que por tantos motivos se torna indispensavel e urgente, os notaveis oradores e eloquentissimos tribunos Manuel d'Arriaga e Alves da Veiga, além d'outros que se esperam, entre os quaes se conta o sr. Magalhães Lima. Confirma-se, pois, o que dissemos: — repetir-se-hão tantos comicios quantos sejam necessarios para o triumpho da causa da liberdade e da honra da cidade de Aveiro. E' necessario que esta cidade se conserve em permanente estado de agitação. E' urgente que a revolta do espirito publico cresça tanto mais quanto maior for a resistencia d'essa quadrilha de malandros que nos suja e avilta. E' impreterivel lavar a vergonha que nos cobre pela permanencia do sr. Manuel Firmino á frente do districto. Porque tudo que se tem feito e tudo que se possa fazer é a maior affronta e ultrage que um povo pôde soffrer na sua dignidade e nos seus brios.

Isso mesmo que se pratica n'este instante com a supposta representação a favor das irmãs da caridade é um insulto e um esgarro lançado, não só á face de nós todos como á face de todo o paiz liberal e honesto. São prohibidas por lei as irmãs da caridade. Ha n'essa lei um artigo muito expesso quanto ás funcções d'essas mulheres nos hospitaes. Pois em Aveiro, não só essas mulheres são admittidas no hospital por uma commissão nomeada pelo governador civil, mas o proprio governador civil manda aos regedores das freguezias ruraes que lhe arranjam assigna-

turas para uma representação a favor das irmãs da caridade. E' até onde pôde chegar a ousadia e o escandalo. E por isso nós dissemos que o insulto não é já, e só, para a cidade de Aveiro. E' para todo o paiz. E' para todos os liberaes.

O irmão da abbadessa do convento de Sá, d'essa famosa e santa abbadessa que entregou ao lazarismo as cinco educandas de que temos falado, é o testa de ferro da representação. Está no seu campo miguelista e carola. Não ha de que o censurar. Mas o que é indigno, o que requer o mais severo correctivo é que o governador civil de Aveiro se associe de tal fôrma a esses miguelistas, a esses jesuitas que leve o descaro e o cynismo até recomendar aos regedores que auxiliem o miguelista e o carola. O que é indigno é que seja o proprio filho do governador civil quem ante de porta em porta a pedir assignaturas para uma representação a favor do jesuitismo. Julgamos estes factos d'importancia bastante para merecerem a attenção da imprensa liberal do paiz.

De resto, pôde o sr. Manuel Firmino arranjar as assignaturas que quizer para a sua representação. Todo o mundo sabe como os elementos officiaes arranjam essas coisas. Bastam os regedores e os priores das freguezias ruraes para abarrotarem o sr. Manuel Firmino de assignaturas a favor da sua representação. Pôde usar de todas as suas alcantinas e infamias conhecidas. Que nem consegue deter a onda que o vae suffocando, nem mostrar ao paiz que a grandissima maioria da cidade de Aveiro não esteja revoltada contra as successivas vergonhas porque a tem feito passar a companhia de ladrões, a quadrilha de ciganos, o bando de saltadores de que é digno capitão o sr. Manuel Firmino e dignissimo tenente o sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena. Abarrote-se d'assignaturas, que talvez morra d'indigestão. Os factos são conhecidos e publicos. E os factos falam mais alto que tudo.

Os factos dizem-nos que os insultos sobem de ponto. Os factos dizem-nos que o sr. Manuel Firmino e a gente que o cerca cada vez conspiram com maior desaforo contra a honra e o brio da cidade. Primeiro quizeram destruir o lyceu. Depois introduziram as irmãs da caridade entre nós. Depois acabaram com o asylo de José Estevão. E quando a cidade em peso se levanta a impôr os seus desejos e a manifestar as suas opiniões, o sr. Manuel Firmino ainda se vae alliar com o jesuita Couceiro, com o irmão da abbadessa que cravou o punhal no coração d'esta terra, ferindo-a de morte n'umas poucas de familias, para pedir ao governo a consumação da affronta e o reconhecimento da degradação da nossa terra. Querem mais provado o odio á memoria de José Estevão?

Por isso é cada vez mais firme a nossa resolução d'ir até aos ultimos extremos. E estamos certos de que seremos acompanhados com a mesma firmeza e energia por todos os nossos concidadãos.

Vamos reunir um segundo comicio. Reuniremos terceiro. Reuniremos quarto. E se forem baldados todos os recursos pacificos e legais, appellaremos para a revolta. Tenham a certeza d'isso.

Não se trata de partidos, outra vez o repetimos. Isto não é uma questão de republicanos, nem de monarchicos. E' uma questão de liberdade e de patriotismo. Sejam bem vindos todos os que protestam. Gloria a todos, ou gregos ou troyanos, ou velhos ou novos, ou pretos ou brancos, que saibam manter as tradições da sua patria e a honra do seu berço. Unámo-nos n'um esforço de virtude e de coragem e saibámos mostrar a toda a gen-

te que os filhos de Aveiro não tem os seus brios de tal fôrma amortecidos que não encontrem ainda em si o valor indispensavel para salvar a herança gloriosa que José Estevão e outros lhe deixaram.

Não temos nada que esperar nem que appellar para eleições. Seria loucura remalada perdermos tantos esforços e tamanho trabalho com duas artimanhas eleitoraes do sr. Manuel Firmino. A lei é expressa em prol das nossas reclamações. Execute-se a lei e ficaremos satisfeitos.

Cidadãos, ao comicio a protestar. Protestemos sempre. Conserveimo-nos em permanente agitação. Esqueçamos despeitos pessoais ou rivalidades de facções. Acima d'essas fragilidades humanas alguma coisa existe de mais nobre, de mais generoso, de mais digno: — é a honra e a gloria do berço em que nascemos.

Republicanos, regeneradores e progressistas virtuosos e honrados: — é a patria que nos chama, são as cinzas de José Estevão e de seus heroicos companheiros, que foram nossos paes, que nos apontam o caminho do dever. Deixemos em casa as nossas dissensões, os nossos mesquinhos interesses de corrilho, as nossas rivalidades pessoais.

Viva a Patria.

Viva a Liberdade.

## VERGONHA DE CIGANOS

Campeão das Provincias n. 1809 de 24 de novembro de 1899:

«Toda a imprensa liberal se refere á fuga das cinco educandas do convento de Sá, d'esta cidade, estigmatizando o facto, e fazendo sentir a necessidade de obstar á prosecução de manejos, que destoam da illustração do seculo, e são avessos aos interesses de familia. Não queremos dizer com isto que a reacção caminhe.

Mas haja ou não reacção, o que convem é pôr termo aos desgastados que ali se deram, fazendo entrar a todos no respeito e obediencia das leis. **Abusou-se da credulidade de umas poucas de senhoras, que trocaram o viver sosegado do mosteiro pelas eventualidades d'uma existencia que desconhecem. Obrigaram-n'as com sugestões a desprenderem-se dos laços de familia, insinuando-lhes que a caridade se aprendia em França, oblitando-lhes a razão, e fazendo-lhes ver, que para ellas não havia familia nem patria, mas apenas a sede de ostentar lá fora uma virtude, que entre nos é planta exotica!**

Isto pôde lisongear as vaidades senis e pueris de um punhado de fanaticos, mas não é christão, nem patriótico. O sacerdote ensina no confessional, que o amor da caridade só pode ser exercido em França, e que em Portugal estão extinctos os brios, que levaram foz em fora muitos cidadãos benemeritos, que sacrificaram a vida em climas inhospitos, prégando ao gentio, evangelizando as verdadeiras doutrinas, com fé acrisolada. Comparada com essas victimas do christianismo, immoladas nas aras da ignorancia brutal, o que é a missão dos padres de hoje, que percorrem as povoações do nosso paiz, doutrinando com pouca unction, encarecendo o dogma, que ninguém contraria?

Ninguém contesta ás pessoas de maioridade, que vão para onde quizerem, usando da liberdade individual como muito bem lhes parecer. O que se censura é, que os ministros do altar aconselhem a rebelião dos filhos contra os paes. O que ninguém pôde relevar, é que se affrontem e quebrem os laços de

familia, que o trama chegue até aos conventos, arrebanhando-se ahí incautas donzellas, para as arrastar para longe dos seus e da patria.

Consta-nos que o nobre ministro da justiça fez as convenientes recommendações, intervindo a auctoridade publica até onde chega a sua jurisdicção. Nem outra coisa era d'esperar da sua illustração, e dos seus precedentes como homem publico. S. ex.ª foi sempre avesso á reacção, e é fiel propugnador dos principios da escola liberal. E todos os homens que estão no poder, tem evidenciado o seu amor á liberdade, para que não tomassem em consideração o que se passou em Aveiro no convento das religiosas de Sá.»

O que nós queremos é que todo o mundo se convença de que não ha pulhas, nem canalhas sem licença da companhia dos malandros. E o publico já tiron, certamente, a ultima prova a tal respeito. O publico, de Aveiro e de todo o paiz, sem duvida que nunca imaginou que se podesse descer tanto na escala da infancia, da contradicção, da incoherencia, da pulhice. Tudo quanto nós temos transcripto para aqui do papel da Vera Cruz é de natureza a provar a todo o mundo quanto pôde a falta de caracter, a negação do brio e a ausencia de decoro.

E são esses homens dirigentes d'esta terra. E governa este districto essa biltraria porca e reles, que diz e desdiz, que afirma hoje o que nega amanhã, que combate logo o que defende agora! E' impossivel que haja na Europa outro paiz onde a degradação dos costumes seja tão profunda e tão alvar.

Como elles combatiam o attentado infame do convento de Sá! Viram o *Campeão das Provincias* de 27 de junho? Leram o artigo — *Verdade Historica*, onde se pretende provar que a filha de Antonio Augusto fez muito bem em proceder como procedem, que as raparigas sahiram legalmente do convento de Sá, que tudo se passou no melhor dos mundos possiveis? Leram? Pois vão ler, se não leram. Leiam e digam-nos depois onde conheceram outra biltraria tão reles e tão pulha como essa que infelizmente nos manda e nós governa.

## CONFRONTANDO

Querem ver como o eminente juriconsulto Vicente Ferrer Neto Paiva commentava o art. 3.º da lei sobre as irmãs da caridade, que publicámos n'outro local?

«E' notavel, que o projecto da maioria da commissão rejeitasse e eliminasse esta determinação do artigo 3.º da proposta do governo! Entendemos todos, governo, maioria da commissão e eu, que estas congregações são prejudiciaes ao paiz, e tanto que todos propomos a sua abolição e a prohibição absoluta de seus membros ensinarem nos estabelecimentos publicos; com que fundamento pois havemos de admittir os seus membros aos serviços hospitalarios, principalmente pertencendo elles a congregações estrangeiras? (1) Acha-se Portugal em tão grande barbaria, que não tenhamos naturaes nossos em abundancia para servirem de enfermeiros nos hospitaes? Seria tambem necessaria esta importação? Os estrangeiros serão mais habéis n'esta parte do que os nacionaes? Não o creio, pelo menos das irmãs de caridade. Temos já larga experiencia dos seus serviços d'este genero na cidade do Porto, d'onde foram despedidas por quem dirigia e governava o hospital, em que se empregavam.

(1) Como é a congregação de S. Vicente do Paulo, ou as irmãs sejam de nacionalidade portugueza ou não.

Até consta que, offerecendo-se para servir gratuitamente em outros hospitaes, não foram accetadas.

Sejamos francos. Se não queremos irmãs de caridade, cumpre prohibir-lhes os fins que ellas se propõem — o ensino e o serviço nos hospitaes.

Ao governo do paiz pertence a inspecção de todos os estabelecimentos hospitalarios, publicos e particulares, mencionados na sua proposta, segundo as conveniencias publicas e as particularidades d'esses estabelecimentos. O governo pôde pois (e a lei declara-lo), prohibir aquelles serviços aos membros das corporações extinctas.»

Ou a opinião de Vicente Ferrer ou a opinião do sr. tenente da companhia dos malandros.

Temos muito mais que ver a esse respeito.

## UMA LIÇÃO AO PADRE

Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.—Direcção Geral dos Negocios Ecclesiasticos.—1.ª Repartição.—Tem constado a Sua Magestade El-Rei que alguns clerigos, mais dominados por paixões mundanas, do que incitados pelo verdadeiro zelo apostolico, substituem a explicação do evangelho e o ensino da doutrina christã pela discussão de questões politicas, de pessoas e de interesses temporaes: e

Considerando que é tão repugnante á indole da missão evangelica do sacerdote christão, como á propria essencia do christianismo, o incitamento ás paixões politicas e a substituição da voz d'ellas á palavra de Deus no recinto dos templos;

Considerando que, por tal motivo, a igreja sempre reprovou semelhantes desvios e censurou que os seus ministros, polluindo as elevadas funcções sacerdotaes no lodo dos interesses profanos, ou-sassem querer transformar em tribuna politica e pelourinho de diffamação, a cadeira do evangelho; e transportar para dentro dos templos o tumultuar apaixonado das turbas no meio da praça publica;

Considerando, por outro lado, que a obrigação, a que todas as instituições e sociedades religiosas estão sujeitas, de respeitar as instituições sociaes e politicas e os governos dos paizes em que existem, augmenta ainda para os ministros da religião dominante, nos estados que, como o nosso, garantem á religião catholica apostolica romana uma elevada preferencia sobre todas as outras, que nem ao menos são reconhecidas, mas tão sómente toleradas;

Considerando que nunca os governos dos estados catholicos permitiram semelhantes abusos, antes sempre mui expressamente os reprovaram e cuidadosamente puniram;

Considerando que, em harmonia com estes principios, foi no artigo 137.º do codigo penal havido por criminoso e é como tal punido o facto do ministro ecclesiastico que no exercicio do seu ministerio, em sermões ou em qualquer discurso publico, verbal, ou escripto publicado, injuriar alguma auctoridade publica ou atacar algum dos seus actos, ou a forma do governo, ou as leis do reino, ou negar ou pozer em duvida os direitos da corôa áccrea de materias ecclesiasticas, ou provocar qualquer crime —;

E sendo summamente desagradavel para o religioso animo de Sua Magestade El-Rei que ante os tribunaes do seu reino hajam de ser conduzidos, como réus, ministros da religião santa, que todos professámos; e desejando por isso que se empreguem todos

os meios tendentes a evitar taes extremos, com os quaes não interessa a religião e soffre em sua consideração o clero:

Manda o mesmo augusto senhor recomendar ao reverendo arcebispo primaz de Braga que haja de exhortar e admoestar o clero da sua diocese para que nos sermões, praticas e discursos religiosos, se abstenha de tratar e discutir assumptos politicos. Esperando que o mesmo reverendo arcebispo, logo que lhe conste algum abuso d'esta especie, se apressará a retirar aquelle que o tiver commettido a licença de prégar, que os canones do segundo concilio tridentino permitem aos bispos conceder aos clerigos unicamente para que os coadjuvem no dever de ensinar ao povo o evangelho e a doutrina christã.

Paço, em 15 de julho de 1862.  
—Gaspar Pereira da Silva.

Idênticas, *mutatis mutandis*, se expadiram a todos os prelados diocesanos do continente do reino e ilhas adjacentes.

Tem constado a Sua Magestade El-Rei que alguns clerigos, menos escrupulosos no cumprimento dos seus deveres, tem ultrapassado os limites das suas funções ecclesiasticas, aproveitando-as para converter a cadeira do evangelho em tribuna politica. Para obviar a estas desvios, que felizmente não tem sido em grande numero, é n'esta data expedida a todos os reverendos prelados das dioceses do continente do reino e ilhas adjacentes uma portaria circular conforme a cópia junta. E' de esperar que, sendo o clero chamado á estricte observancia dos seus deveres pela voz autorizada dos prelados, não se repitam os abusos. Sendo porém possível que, em algum espirito menos docil, a influencia das paixões politicas tenha mais imperio do que o sentimento do dever: manda Sua Magestade El-Rei que o conselheiro procurador geral da corôa expeça aos magistrados do ministerio publico, seus subordinados, as mais positivas ordens, para que, quando por parte de algum ministro ecclesiastico seja praticado algum dos factos incriminados no artigo 137.º do codigo penal, haja de promover sem demora a formação do processo competente, para que as disposições d'aquelle artigo possam ter execução.

Paço, em 15 de julho de 1862.  
—Gaspar Pereira da Silva.

Ora o cura da Gloria nas habozeiras que prégou na capella de S. João não fez outra coisa senão substituir o ensino da doutrina christã pela discussão de questões politicas, que outra questão não é a das irmãs da caridade desde que está subordinada á fiscalisação do estado e ás leis civis do paiz. Logo o petulante e atrevidissimo padrea, tão petulante e tão atrevido que ainda foi escrever no *Campeão* que—disse o que tinha direito e obrigação de dizer—está incurso nas determinações do ministro da justiça Gaspar Pereira da Silva e na alçada dos artigos do Codigo Penal. Com a circumstancia aggravada do já referido atrevimento e da já dicta petulancia.

Mais: O sr. cura e padrea transportou para dentro do templo o *tumultuar das turbas*. Portanto o sr. cura e padrea é d'aquellas repugnantes creaturas que sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I julgava indignas do sacerdocio e da religião christã.

Ainda mais. O sr. padrequero da Gloria injuriou n'um sermão as leis do reino, que prohibem abertamente as irmãs da caridade, e o sr. padrequero defendeu as *manas* e o sr. padrequero insultou os que pedem a execução e o cumprimento d'essas leis! Portanto o sr. padrequero é dos taes safarlanas a quem Gaspar Pereira da Silva se referiu com tanta precisão e clareza.

E eis como o cura da Gloria passou de D. Magriço a bobo de comedia. Que lhe sirva de lição, se não apanhar outra melhor.

Nota final. A circular acima transcripta foi expedida exactamente pelos abusos que se davam a proposito da discussão da lei contra as irmãs da caridade na camara dos srs. deputados durante o verão de 1862.

### PARA QUE TODOS SAIBAM

Reproduzimos hoje novamente a lei que regula os negocios de irmãs da caridade:

«Art. 1.º Não é permitida a existencia de comunidades, congregações ou corporações religiosas de um e outro sexo, introduzidas ou modificadas depois da publicação dos decretos com força de lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 28 de julho do mesmo anno, seja qual for o numero dos subditos ou associados de que se componham, o motivo do seu estabelecimento, e a qualidade ou duração dos seus votos.

Art. 2.º Nenhum estabelecimento, publico ou particular, de instrução ou beneficencia poderá admitir ao exercicio do ensino e educação, quaesquer individuos nacionaes ou estrangeiros, pertencentes ás comunidades, corporações ou congregações religiosas, de que trata o art. 1.º, sem que para isso seja expressamente autorisado por uma lei.

Art. 3.º As disposições de artigo precedente são extensivas aos serviços hospitalares e beneficios dos referidos individuos, pertencentes ás mencionadas comunidades, corporações ou congregações religiosas, nos estabelecimentos pios dependentes do estado, dos municipios, das freguesias de parochia e de quaesquer corporações de mão morta.

Art. 4.º O governo proverá immediatamente á organização do ensino e educação da infancia nos estabelecimentos de beneficencia, tanto publicos como particulares, regulando tudo o que respeitar á sua administração, regimen e direcção moral.

Art. 5.º Ficam por esta fórma confirmados e declarados os decretos com força da lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 22 de julho do mesmo anno.»

### NOTICIARIO

«O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 98.

Conforme annunciamos volta hoje novamente á scena, a pedido, o applaudido drama *O Veterano da Liberdade*, que tão bom desempenho obteve da primeira vez. Representar-se-ha tambem a engraçada comedia *Morrer para ter dinheiro*.

O espectáculo é devéras convidativo, acrescentando ainda a circumstancia de ser em beneficio do theatro, que se acha em más circumstancias.

O *Mundo Elegante*, inquestionavelmente o melhor jornal de modas que se publica em portuguez, apparece-nos agora muito melhorado e impresso em papel côr de rosa, o que o torna de uma belleza incomparavel e digno de figurar no *boudoir* da mais aristocratica e elegante dama.

Como se sabe, o *Mundo Elegante* é o unico jornal de modas feito e publicado em Paris semanalmente e d'alli expedido directamente pelo correio a todos os seus assignantes.

O seu preço está ao alcance de todas as bolsas. Por anno, ou

52 numeros, 1.ª edição simples, custa 3\$200; 2.ª edição, contendo duas vezes por mez um molde cortado e uma folha suplementar com moldes traçados, letras e bordados, 4\$000; 3.ª edição, contendo o mesmo da 2.ª e mais dois figurinos coloridos mensalmente, 4\$800 réis.

E', portanto, o mais barato dos jornaes publicados em portuguez, o mais bem descripto e elegante de todos—o que o torna devéras recommendavel.

Recebemos a visita do *Jornal de Noticias*, folha diaria da capital.

Agradecemos e vamos retribuir.

Diz um periodico de Barcelona que se encontra n'aquella cidade uma commissão de medicos de Londres, nomeados pela Sociedade Britanica de Medicos Unidos, com o fim de se informar pessoalmente com o medico Andet Solsour, director e proprietario do Instituto Celular, sobre o tratamento especial e antiséptico descoberto sobre a tísica pulmonar e de larynge por aquelle clinico hespanhol.

O antiséptico é um preparado clinico em capsulas do tamanho d'um grão de ervilha, facéis de se tomar e que, segundo a opinião do seu inventor, podem ser empregados sem dieta alguma.

Será d'esta vez que a tuberculose encontre um inimigo energico?

A companhia Resusta & Teresa, que ultimamente trabalhou em Lisboa, Porto, Figueira, etc., dá logo á tarde um espectáculo na praça de touros do largo do Rocio, em que exhibirá os seus melhores trabalhos gymnasticos, acrobaticos, etc., etc.

A companhia conta artistas de merecimento e vem precedida de grande fama, o que decerto lhe dará uma enchente.

Deve proceder-se hoje, pelas 11 horas da manhã, á eleição dos corpos gerentes da Associação Aveirense, que não se effectuou no domingo por falta de numero legal de socios.

Os viticultores dos Arcos de Val-de-Vez andam sobresaltados por causa d'uma nova doença que appareceu em uma qualidade de videira chamada *feijão ou verde-lho*. Ataca principalmente o cacho, que fica carbonizado, tendo feito já bastantes estragos.

Bem se vê que não ha caridade que chegue á das *irmãsinhas!* Uma santa gente!

Veja-se o que conta um periodico de Vizeu e que é verdadeiramente horrivel!

«Ha tempo, um individuo da Villa da Feira, seduzido por as mil e uma razões de duas mulheres que alli passaram, deixou que na companhia d'aquellas feis servas de conventos fosse uma sua filha, menor ainda, a fim de entrar não nos occorre agora em que recolhimento. Mezes passados, e o pae da creança, que desde o seu impensado consento não obtivera noticias da filha, resolve-se a procurar-a onde suppunha estivesse. Baldada resolução, porém, foi aquella. A creança não parava alli, nem sabiam dizer-lhe onde fosse.

Depois de infructiferas e penosas pesquisas, veio por fim a descobri-la na Fraga (Sattam), trazendo-a d'alli para sua casa.

O cavalheiro que nos presta estas informações foi então, ha uns dois mezes, companheiro de viagem d'aquelle desditoso pae e da misera creança, ouvindo horrorisado a narração do que esta soffrera n'aquelle recolhimento e conhecendo *de visu* o resultado dos barbaros castigos que alli infligiam. A pequenita trazia as mãos feridas, em chaga mesmo, pela applicação n'ellas de ferros

quentes! Um horror, requintado ainda pela *caridade* das recolhidas, que, para impedirem a creança de se queixar, lhe atravessavam na bocca um pedaço de pau ligado fortemente em volta do pescoço!

De tão cruel proceder levamos conhecimento ás respectivas auctoridades, chamando tambem a attenção do prelado para o modo como alli se praticam os ensinamentos de Christo.

Como nota complementar, diremos que a creança sahio d'alli por tal fórma tomada de medo, que o pae mal lhe conseguia arrancar duas palavras.»

E ainda ha quem defenda as irmãs da caridade, esses vis instrumentos do jesuitismo, que não cessam de praticar, onde quer que se acotem, as maiores barbaridades e os maiores horrores! Simplesmente infame!

Chamamos a attenção para o annuncio, que vae na quarta pagina, referente á Companhia Fabril Singer, de que é digão gerente n'esta cidade o sr. Thomé Pereira Veiga.

O relatorio da direcção geral de agricultura sobre a phyloxera, ha pouco publicado em Paris, é em extremo animador para os francezes.

Dá o terrivel mal como vencido em Franca pela applicação do sulphureto de carbono, com que no anno de 1887 foram tratados 66:205 hectares de vinhedos, do sulphocarbonato de potassium, empregado n'esse mesmo anno em 8:820 hectares, e da submersão, já effectuada em 26:665 hectares. Além d'isso, a plantação da vinha americana tem produzido bom resultado em 163:516 hectares.

Segundo os calculos da mencionada direcção geral, a Franca ainda possui 1:310:000 hectares de vinhedo absolutamente indemnes; e dos 690:000 hectares atacados 468:000 estão em tratamento, com melhor ou peor resultado.

Um nosso assignante de Lisboa queixa-se-nos de que não tem recebido os ultimos numeros do *Povo de Aveiro*, quando é certo nós enviarmos o jornal com toda a regularidade.

Isto já passa a desaforo!

Quando acabarem estas poucas vergonhas dos srs. empregados do correio, que não se contentam com ler os jornaes á borla, senão ainda os mettem ao bolso, privando assim da sua leitura as pessoas a quem são dirigidos?

Providencias, providencias, sr. director geral dos correios!

Perante a camara municipal de Ovar estão abertos concursos para o provimento das escolas elementares do sexo masculino nas freguezias de Ovar e Vallega, e do sexo feminino na freguezia de S. Vicente de Pereira; ordenado de cada uma 130\$000 réis.

Publicou-se o n.º 6 da *Revista Popular de Conhecimentos Úteis*, cujo sumario é o seguinte:

A luz; A leitura; Amas de leite; O mar; O metalizador de cadaveres; O accumulador; O leão e a girafa; Um globo terrestre enorme; O microscopio e o telescopio; Signaes de longevidade; Purificador de ar; Applicação da electricidade ás bombas de incendio; Nova doença da vinha; Congresso internacional de sciencias geographicas; Tinta de viagem; Doenças das abelhas; Leite de rosas; Modo de limpar objectos de ouro; Alperches em aguardente; Outra ponte sobre o Douro; Cremação de cadaveres.

Foi publicado no *Railway Press* uma estatística das velocidades médias a que attingem os comboys expressos nos diferentes paizes da Europa.

A Inglaterra figura á frente de

todos os paizes, não só da Europa, como de todo o mundo.

Os seus expressos alcançam uma velocidade média de 48 milhas por hora, enquanto que nos Estados-Unidos a velocidade média é de 40 milhas.

Na Alemanha e na Franca, a velocidade média dos expressos é de 36 milhas por hora; na Russia, 34; na Hollanda, 33 e meia; na Austria, Hungria e Belgica, 33; na Italia 29 e meia.

Seguem logo em ordem de velocidade os expressos hespanhoes, com 22 milhas por hora, e acompanham-nos os da Suecia em igual numero.

Por ultimo apparece a Noruega, com 21 milhas por hora, e fecha a lista, Portugal, apenas com 18 e meia milhas.

Realizou-se ha dias, na administração do concelho de Almada, o casamento civil do sr. José Ferreira Branco com a sr.ª D. Maria Miquelina, ambos d'aquella villa.

Exercem actualmente clinica em New-York 450 senheras, formadas em medicina e cirurgia.

### Vinho Nutritivo de Carne

Observações medicas feitas com a sua applicação:

Adriano Augusto Lopes Vieira, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, e medico do partido no concelho d'Ancião.

Attesto que, empregando na minha clinica o Vinho Nutritivo de Carne, preparado na Pharmacia Franco, Filhos, em Belem, tenho tirado excellentes resultados do seu uso em todas as molestias em que predomina a diminuição de forças e especialmente na convalescência d'aquellas, em que a reparação d'estas se torna vagarosa por falta de alimentação sufficiente pelos meios usuaes; e por isso o considero como um precioso tonico-analeptico. Por ser verdade passo o presente que certifico com o juramento do meu grau.

Alvorge, 18 de maio de 1888.  
Adriano Augusto Lopes Vieira.  
(Segue-se o reconhecimento.)

### ESPECTACULOS

#### Theatro Aveirense

DOMINGO 15 DE JULHO

Recita pela Troupe Dramatica Aveirense em beneficio do theatro

A 2.ª representação do drama em 3 actos *O Veterano da Liberdade* e a comedia *Morrer para ter dinheiro*.—A's 9 horas e 1 quarto.

O resto dos bilhetes encontra-se á venda na loja do sr. Antonio Cardoso d'Azvedo, á rua Direita.

### Publicações litterarias

#### NINHOS E OVOS

POR  
Eduardo Sequeira  
Com 28 gravuras e 15 planchas coloridas, representando 86 variedades de ovos.—1 vol. br., 1\$000 réis. Pelo correio franco de porta a quem enviar a sua importância em estampilhas ou vales do correio á Typaria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeiros, 18 e 20, Porto.

### ANNUNCIOS

#### Pomada Curativa Vegetal RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais efficaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, cancro mesmo depois de ulcerados, syphilis, erysipelas, escoriações, doenças de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflamações. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carneira, largo dos Trigueiros, 14, 2.º, Lisboa. Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importância.

**HOTEL CENTRAL**  
DE  
**MANUEL FRANCISCO LEITÃO**  
RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado,  
acha-se nas condições de satisfazer a todas  
as exigencias.

  
**Vinho Nutritivo  
de Carne**

Privilegiado, autorisado pelo governo e approved pela junta consultiva de saúde publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro.

É o melhor tónico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forcas.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forcas.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

**Mais de cem medicos attestam a superioridade d'esse vinho para combater a 1.<sup>a</sup> de forcas.**

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**MACHINAS DE COSTURA DA COMPANHIA FABRIL SINGER**  
75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79  
AVEIRO

As melhores e mais acreditadas machinas do mundo a prestações de 300 réis por semana e a diaheiro com grande desconto

A Companhia Fabril Singer, garante todas as machinas da sua exclusiva fabricação, e tem um especial interesse em não recommendar nenhuma que não seja a mais propria para os trabalhos que tenham de executar-se.

A Companhia Fabril Singer, tem alcançado em todas as Exposições os primeiros premios.

A Companhia Fabril Singer, não sacrifica nunca a utilidade, solidez ou duração á mera apparencia; as suas machinas são feitas para cozer, cozendo tudo bem; não estão envernizadas nem douradas para occultar defeitos, como succede com as imitações e falsificações allemãs.

A Companhia Fabril Singer é sempre a primeira a introduzir os ultimos e verdadeiros melhoramentos nas machinas para cozer: por estas e outras razões o publico comprehenderá, porque os allemães se dedicam com preferencia a imitar as machinas SINGER. O ouro falsifica-se sempre, o latão nunca.

Chamamos a attenção do publico para as novas machinas denominadas LANÇADEIRA OSCILANTE, com as quaes se podem fazer primorosos trabalhos e que até hoje ainda não tiveram rival.

**E' a rainha das machinas!**  
75, Rua de José Estevão, 79  
AVEIRO

**DEPOSITO AMERICANO**  
*Apparells, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriales.*

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.  
REL-DO-CHÃO.

<p><b>BOMBAS</b> HYDRAULICAS De POÇO, CYSTERNA &amp;c.</p> <p><b>ARAME</b> "CERCA-ESPINHO" Para vedar gado, &amp;c.</p> <p>GRANDE DEPOSITO DE <b>TUBOS DE FERRO</b> zincados e pretos para CANALIZAÇÕES.</p> <p>Tubos de Botracha (CAUCHOC).</p>		<p><b>FOGÕES CULINARIOS,</b> ESTUFAS DE SALA.</p> <p><b>LOUÇAS DE FERRO</b> "AGATE" Para serviços da cozinha e mesa, &amp;c.</p> <p><b>ARADOS.</b> Ebulhadoras de Milho.</p> <p><b>PRENÇAS</b> Para Fructas e Lrogas.</p> <p><b>E OUTROS</b> ESPECIALIDADES, &amp;c.</p>
--	---	--

**MOTORES A VENTO**  
(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possível para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Aceita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Ingla'erra

ESCRITORIO, 2.<sup>o</sup> andar, HERBERT CASSELS, Agente,  
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.  
(Telefone N.º 250.)

  
**AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL**

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA  
**PARA, MARANHÃO, CEARA, E MANAUS**

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

**Preços sem competencia**

**Passagens de 3.<sup>a</sup> classe a 258000 réis**

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 49 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.ºs 49 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras enfiadas.  
Trabalhos perfeitos e preços barattimos.

**LOTERIAS**

**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO. Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000.000.

Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 2400; quartos a 1200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença que nas provincias é de 15500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA  
**Antonio Ignacio da Fonseca**  
56, RUA DO ARSENAL, 64  
LISBOA

**REMEDIOS DE AYER**

**Peitoral de cereja de Ayer**  
—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.



**Extracto composto de saparrilha de Ayer**—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

**Pilulas catharticas de Ayer**  
—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

**Acido Phosphato de Horsford's**

É um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.<sup>a</sup>, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.<sup>o</sup>, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

**Perfeito Desinfectante e Purificante de JEVES**, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de roupas, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

**Genebra Moreira**

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

É a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida. Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) de MOREIRA & C.<sup>a</sup> e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

# O POVO DE AVEIRO

18 de Junho

SUPPLEMENTO AO N.º 335

18 de Julho

## A QUESTÃO CLERICAL

Annunciámos já para domingo, 22 do corrente, pelas dez horas da manhã, no vasto armazem do Rocio, junto á Praça do Peixe, o segundo grande comício contra a reacção ultramontana, em geral, e muito especialmente contra a introdução das irmãs da caridade na patria de José Estevão, comício a que virá de novo assistir o notabilissimo orador Manuel d'Arriaga, que no seu sincero amor á liberdade, na sua abnegação patriótica e na pureza dos seus principios tomou comnosco a peito esta questão de tamanha transcendência para a dignidade da população aveirense e para a causa liberal, a ponto de nos prestar o auxilio da sua palavra eloquentissima, persuasiva, cheia de verdade, todas as vezes que as necessidades d'esta lucta, tão benemerita, e tão sympathica, o reclamarem.

Desde já lhe prestámos aqui a homenagem do nosso reconhecimento, que é sem duvida a homenagem do publico illustrado e honrado que nos lê.

Annunciámos o comício e manifestámos de novo e juntamente a firme resolução em que permanecemos e em que estamos de levar esta questão até aos ultimos extremos. Temos usado por enquanto da maior prudencia e da maxima cordura. Porque todas as infâmias, todos os insultos, todo o cynismo alvar com que esse bando firminista tem affrontado a opinião publica e escarnecido os mais nobres sentimentos d'esta terra, eram motivos de sobejo para uma revolta em forma e uma lucta á mão armada. E não obstante, temos permanecido n'uma attitude pacifica e não temos aconselhado senão, por ora, os recursos legaes admitidos. Mas se a teimosia continuar, se a affronta tocar os requintes da infâmia, se o escarneo persistir no desvaireamento em que tem vindo, nem responderemos pela nossa indignação nem pela indignação do publico.

Outra vez o declaramos: hão de se esgotar os recursos pacificos e legaes. Nós temos toda a razão, todo o direito, toda a justiça pelo nosso lado. Se o governo persistir em fechar os ouvidos ás nossas reclamações e os olhos ao estado em que se encontra esta cidade, sobre elle recaiam as responsabilidades do que possa succeder. Responsabilidades tanto mais duras quanto é certo o sr. ministro do reino não poder allegar ignorancia do que se está passando no concelho em que nasceu, em que viveu e onde vivem, onde tem influencias e interesses a maior parte dos seus parentes, que o podem informar do que succede. Responsabilidades tanto mais graves quanto é conhecida de todo o mundo a acção directa e decisiva que o sr. Francisco de Castro Mattoso Cortê Real, irmão do sr. José Luciano, exerce n'este districto. Para o districto de Aveiro, o verdadeiro ministro, o que põe e dispõe, é o sr. Francisco de Castro Mattoso. Pergunta-se: — este sr. ignora o que se passa? Este sr. desconhece que é quasi unanime a opinião publica da cidade de Aveiro contra o vilissimo escandalo da introdução das irmãs da

caridade no hospital? Onde fica o decantado amor do sr. Mattoso pelos povos de Aveiro, cantata que aquelle sr. repetia a todos os aveirenses? Onde fica o decantado respeito do sr. Mattoso pela opinião publica d'esta terra, cantata que o mesmo sr. Mattoso repetia com o mesmo afan com que repetia a outra do amor que nutria por nós? Tudo isso vamos passar a miudos qualquer dia. Até agora a questão era só com a companhia dos malandros, ou com o bando de salteadores capitaneados pelo sr. Manuel Firmino. Mas o que é certo é que este porquissimo gatuno não affrontaria a cidade de Aveiro, com a impudencia com que o está fazendo, se não tivera o apoio do sr. Mattoso. Mas o que é certo é que estaria de ha muito liquidada esta questão do hospital, se o sr. José Luciano de Castro não sancionasse a pouca vergonha que se praticou na sua terra. Por onde nós vamos notando que razão de sobejo tem tido os aveirenses para derrotar na urna successivamente o actual ministro do reino.

Pois fiquem de atalaya com o mano, que bem mostra não valer mais nem valer menos. Parecendo sincero durante algum tempo, acaba de se vêr que não tem procurado senão metter-nos os pés nas algibeiras. É um especulador como todos os outros.

E aqui tem sua ex.\* mais uns amigos para a vida e para a morte. Conte comnosco. Na certeza de que esta questão das irmãs da caridade ha de dar na cabeça de todo o partido progressista do districto de Aveiro.

Sim, ha de lhe saber caro. Nós não temos, pelo que nos toca, predilecções por nenhum partido monarchico. Nunca favorecemos um, de preferencia a outro. Todos temos combatido, ora mais um, ora mais outro, conforme as circunstancias, mas tanto uns como outros com a mesma energia quando ella é necessaria. Se lhes podêmos ser prejudiciaes, a habilitação d'elles que neutralise este elemento adverso, que nós nunca temos senão applausos para quem procede rectamente e para quem serve com justiça a causa publica.

Agora mesmo estamos aqui combatendo ao lado dos regeneradores. Estabeleceram-se condições de combate? Houve accordos entre nós? Houve pactos? Que o digam todos os regeneradores, que o diga toda a gente. Não houve uma palavra; não houve uma aspiração d'interesses mesquinhos de qualquer dos lados; não houve nenhuma d'essas porcarias que tem deshonrado os partidos e a politica portugueza. Houve n'uns e n'outros, essa justiça fazemos aos regeneradores, um sentimento nobre de patriotismo, uma corrente d'indignação pela affronta feita á nossa terra, ás nossas glorias, ás nossas tradições, ao nome que Aveiro tem mantido impolluto e honrado na historia. Houve entre regeneradores e entre republicanos e, até, entre progressistas patriotas e dignos, um unico laço e uma só colligação: o laço do amor patrio e a colligação que produz sempre, entre gente que se preza, a liberdade offendida, a virtude

espesinhada, que n'estes casos é a memoria de José Estevão, e esquecida, senão Indibriada, a gratidão devida aos mortos illustres que tanto nos amaram, e o respeito aos grandissimos vultos que nos engrandeceram em cem combates da civilisação e que não merecem que uma geração abastardada ou espuria deixe, sequer ao menos, de ter com elles, com as suas cinzas venerandas, que confiaram da nossa guarda, aquella deferencia e aquelle acatamento que se encontram nos proprios selvagens, por isso que são os caracteristicos maiores da grandeza da especie humana.

Eis o grande erro, a funestissima politica dos dirigentes progressistas. Politica e erro de que todo o partido soffrerá as consequências necessarias e fataes. Por muito pouco que valham os republicanos na cidade, sempre representam um elemento e uma força que todo o bom politico deve procurar neutralisar, ou pelo menos não acirrar e irritar. Ora só um tolo poderia não prevêr que a introdução das irmãs da caridade no hospital iria lançar o alarme no seio d'esse grupo. O alarme deu-se, a irritabilidade veio pelos factos subsequentes e um grupo, que é naturalmente indifferente pelas suas idéas e pelos seus interesses a qualquer partido monarchico, tornou-se adversario implacavel e terrivel pela energia de que dispõe contra a politica progressista. Eis, por esse lado, o tacto e a fina habilitação da familia firminista e do sr. Castro Mattoso que a defende e que a serve!

Por outro lado, por mais sinceramente que os regeneradores entrem na questão, é incontestavel o prestigio e a força que d'ella lhes derivam. Porque, diga-se a verdade, os regeneradores servem a causa do povo d'esta vez. Prestam um grande serviço á nossa terra com a sua attitude decisiva e resoluta. E eis um outro tacto e mais uma finura da familia progressista e do sr. Castro Mattoso.

E ainda que ninguém ganhasse. O partido progressista é que perdia sempre e por todos os modos. Aqui não ha regeneradores, nem republicanos. Ponhamos de parte essas distincções e esses matizes. Ha uma cidade inteira que reivindica as suas gloriosas tradições. Ha um povo que se ergue unanime a defender o nome puro do mais brilhante e do mais talentoso dos seus filhos. Mas, quem é que o offende? Quem affronta essa cidade? Quem revolta esse povo? É a familia firminista; e a familia firminista é o synodo do partido progressista no districto de Aveiro.

Dêem-lhe as voltas que quizerem e vêr-se-ha até ao fim que a questão das irmãs da caridade foi decididamente uma rija bordada na cabeça do partido progressista por culpa de quem o dirige n'esta terra.

A companhia dos malandros, no desespero da agonia, faz de papão contra os adversarios. Um escroc que ahi ha, tão sujo que ninguém lhe cospe na cara com receio de ficar enodado, um tal

Fernando de Vilhena, requereu aos tribunaes para que o Povo de Aveiro fosse processado por falta de habilitação legal. Qual habilitação legal, se nós temos editor? O primeiro sargento disse-o: — porque o nosso editor é militar na reserva e porque não é eleitor! Ora, se o primeiro sargento se refere á companhia dos malandros, enganou-se, porque o nosso editor nunca teve praça na referida companhia. Se se refere ao nobre exercito portuguez, ainda ahi ficou em erro porque o nosso editor já teve baixa definitiva do serviço.

Por este lado, o escroc sujo, o gatuno indecente deu com as ventas no sedeiro.

Pelo outro lado, não pôde ser maior o descaramento do tratante. Bem se vê que é descaramento de ladrão. Os ciganos miseraveis tem feito com o recenseamento as ciganadas indecentes que fazem em tudo e por tudo. Ciganadas como estas: — o sr. Sebastião de Carvalho Lima figurou no caderno do recenseamento como sapateiro e o sr. José Agostinho Barboza como marnoto! Todo o mundo conhece estes dois cavalleiros e pôde por ahi ajuizar do caracter dos ciganos, caracter que o Povo de Aveiro tem assignalado aliaz com dezenas d'outros factos. O sr. Sebastião de Carvalho Lima, rico proprietario, é o chefe do partido regenerador. Veja-se que são tão garotos e tão indecentes que nem poupam nas garotices o chefe do partido adverso! O sr. José Agostinho Barboza é um dos mais opulentos negociantes d'esta praça.

Ora d'essas garotices, e com outros cavalleiros respeitaveis, fizeram elles á dezenas. Não mostraram ainda n'outro dia a canalhice que os reveste chamando barqueiro ao sr. Antonio Pereira Junior, cavalleiro respeitavel por tantos motivos? E aqui tem o povo mais uma occasião de apreciar aquelles grandes miseraveis. São honroso é ser sapateiro como ser proprietario, marnoto ou negociante, barqueiro ou banqueiro. Todas as profissões são honradas, e é digno todo o homem que cumpre os preceitos da virtude, seja qual for a fortuna que possua ou o mister que elle exerça. Qual é então o motivo porque elles chamam barqueiro ao sr. Antonio Pereira Junior, sapateiro ao sr. Sebastião e marnoto ao sr. Barboza? Porque julgam depreciar-l'os; porque ligam áquellas profissões uma idéa desprezivel.

E são aquelles os malandros que se dizem amigos do povo! Especuladores, é que elles são. Especuladores em tudo e por tudo.

Não se viu no mesmo papel, em que chamavam barqueiro ao sr. Antonio Pereira Junior, o ar desdenhoso com que chamavam carpinteiro ao sr. Manuel Christo e alvener e maritimo aos nossos honradissimos amigos Francisco Rodrigues da Graça e José Moreira? Pois que queria isso dizer, senão que os refinadissimos malandros tem o maior desdem pelo povo depois que se pozeram a lambar botas ás nossas burguezinhas beatas e depois que se aliarão ao jesuitismo?

Carpinteiro, sim senhor. Não

só o sr. Manuel Christo, como toda a sua familia, tem a maior honra em ser do povo, em vir das classes operarias, e pelos operarios e pelo povo nutrem a affeição e a solidariedade da mesma origem e dos mesmos soffrimentos. Como os nossos honradissimos amigos Francisco Rodrigues da Graça e José Moreira tem o maximo orgulho em dever ao trabalho assiduo e honesto a posição, rica ou pobre, mas levantada e digna, que occupam entre os seus concidadãos. Olhe lá que não são ladrões, seu pileca!

Mas, voltando ao fio da historia, vê-se quanto são cynicos, os infamissimos ciganos, nos seus processos de malandrice. Fizeram sapateiros e marnotos todos os seus adversarios ricos. E, ao que se vê, pozeram fóra todos os seus adversarios pobres. Porque o nosso editor estava recenseado. Por signal que o tinham deixado de fóra. Mas reclamou e a respectiva commissão aceitou a reclamação. Que infâmia surgiria? Não ha de ser infâmia que se não prove. E se nós estamos resolvidos a não cuspir na cara do fernando cego, para não ficarmos tambem cegos d'immundicia, ainda não dissemos qual era a nossa resolução quanto a mette-lo na Penitenciaria pelos crimes successivos que esse patife tem praticado e pratica.

Sim, olhem que realmente é ousadia, que revolta o mais sereno, vir um ladrão d'aquelles falar em legalidades! Ainda ultimamente nos contam o seguinte:

O gatuno encommendou em Vianna do Castello um fogão para o tal asylo escola. Veio o fogão, que importou em 48\$000 réis. E o que fez o gatuno? Manda engraxar um, velhissimo, que tinha em casa, vende-o por 25\$000 réis ao asylo, arrecada o novo e não paga ao fabricante de Vianna do Castello. Debalde o fabricante tem reclamado o seu dinheiro. Sacco sobre o illustre primeiro sargento da companhia dos malandros, mas foi o mesmo que saccar sobre o diabo mais velho. Protestou-lhe a letra, mas foi o mesmo que protesta-l'a ao José do Telhado. O homem sem o dinheiro, o asylo com um fogão velho por 25\$000 réis e o malandro com um fogão novo e com este dinheiro no bolso.

Ora, já viram gatuno mais indecente e mais pulha? E tem feito milhares d'ellas identicas, que contaremos em breve, ainda que todo o mundo as saiba. Não ha uma unica pessoa em Aveiro, e nós appellámos para o testemunho de todas, que não conheça as gatunices e as infâmias d'aquelle malandro.

Pois é um traste de tal ordem que fala em cumprimentos da lei e que anda a requerer ao juiz processos contra quem observa rigorosamente as praxes legaes, quer na sua vida publica, quer na sua vida particular. O que elle precisava era que lhe amolgassem os queixos, se não fóra mais nojento e mais hediondo que um lacrau.

De fóra que temos então os ciganos em campo contra o Povo de Aveiro. Já vimos o que o fi-

ho. Agora diz-se que o pae, o sr. capitão dos ladrões, isto é, o sr. governador civil de Aveiro (que vergonha!), vai requerer processos sobre processos a este semanario. Obrigado, mil vezes obrigado, seu *maneu firmião!* Bem sabemos que os tribunaes não admittem prova, abuso monstruoso da nossa legislação. Mas admittete-a a consciencia publica. E é perante o povo, que nos contempla e nos julga, é perante o paiz honrado e sério que nós vamos provar que o sr. é um ladrão, um ciganu sem consciencia e sem do, um matrapilho e um sujo. O sr., que occupa um dos mais elevados graus no functionalismo publico! O sr., que é creatura de confiança do ministerio progressista! O sr., que é magistrado da nação!

Obrigado, obrigado, seu *maneu firmião!* Gambetta aproveitou-se da celebre questão Baudin para n'um sublime discurso fazera accusação irresponsavel do imperio dissoluto e devasso. Alguem se aproveitará do processo do *Povo de Aveiro* para processar a monarchia portugueza, na pessoa do governador civil d'este districto. Porque, na realidade, o systema de governo que delega n'um homem da natureza do sr. Manuel Firmião uma parte importantissima das suas funções, que arrola um homem d'aquelles em representante da sua administração e da sua justiça, disse de si a ultima palavra ao povo-trabalhador e honesto, ao paiz sincero e honrado. E' a ultima degradação e a ultima baixeza.

Obrigado, obrigado, seu *maneu firmião!*, que nos deu mais uma occasião de servir eficazmente a democracia portugueza. Portugal inteiro saberá, pelos extractos tachygraphicos do nosso processo, extractos distribuidos profusamente em toda a parte e a toda a gente, o que vale e o que é o regimen corrupto e pólre que vive ahí de pé, e que vive pela incuria dos seus adversarios e de forma nenhuma pela sua própria força, que não a tem.

E eis como o sr. Manuel Firmião, julgando amedrontar-nos, não nos veio senão dar nova coragem e novas forças.

Descance, sr. Manuel Firmião, não é o sr. que nos abate, nem ninguém. Pelo contrario, quanto mais rabiar, mais implacaveis nós seremos na missão de justiça que nos impozemos. Devia-nos conhecer. Se não nos conhece, conhecer-nos-ha de futuro. Ora veremos quem succumbe na lucta.

Mas o descaro, o descaro d'estes patifes, o cynismo d'estes malandros é que nos dá no gofo! Ahí vai, por hoje, uma proeza simples, a mais simples de todas, do sr. conselheiro governador civil, e que apesar de ser a mais simples de todas, já dá bem a medida d'aquelle typo e d'aquelle caracter.

Uma mulher, conhecida vulgarmente pela Maria das Bolotas, possuia uma casa defronte da pharmacia do nosso illustre amigo Francisco Antonio de Moura. A casa aeneçou ruina e a camara municipal mandou-lhe appear a frontaria, tendo a mulher para essas obras de a hypothecar a um individuo, muito conhecido na cidade, pela quantia de cincoenta mil réis, pouco mais ou menos. Passado tempo esse individuo precisou do dinheiro e como a proprietaria não lh'o podesse pagar mandou-a executar por a referida quantia.

N'isto intervem o Manuel Firmião. E com aquellas pantominas que toda a gente lhe conhece, com aquellas cantigas hypocritas que lhe são habituaes e aquelle ar de dentista de feira, que lhe quadra ás mil maravilhas, pede ao tabellião que suspenda o mandato. — «Uma pobresinha. Coitadinha da pobre velha. Uns marotos sem coração. Pois não vê, Francisquinho, não vê como aquele homem é cruel? Mandar executar a infeliz por uma miseria de cincoenta mil réis! Ora eu apello para a sua grande alma. Faça uma obra de caridade e sus-

penda a execução. Tenha dó da infeliz.» — E com estas cantatas, que são textualmente as cantatas do costume, procurou conter o tabellião. Este, porém, respondeu-lhe que tinha de cumprir o seu dever e que nada podia fazer. Então Manuel Firmião pediu-lhe que demorasse ao menos o negocio, porque elle pagaria os 50.000 réis.

Passou-se tempo e Manuel Firmião moita. O tabellião avisou-o. Novas cantatas de Manuel Firmião e nova concessão do funcionario. Até que este, homem probo e sério, declarou terminantemente que ia andar para a frente.

O Manuel Firmião appareceu com o dinheiro.

Passados mezes é o mesmo tabellião convidado pelo actual sr. governador civil a lavrar uma escriptura de doação, que a mulher lhe fazia da casa. O tabellião, que sabia bem com quem tratava, desconfiou d'um logro e mandou chamar a mulher.

— «Vossemecê vai fazer uma escriptura ao sr. Manuel Firmião?»

— «Sim senhor.

— «Mas vossemecê sabe que qualidade de escriptura é?»

— «Sim senhor. En hypotheca a minha casa ao sr. Manuel Firmião pela quantia que elle me emprestou.

— «Nada, não senhora. Vossemecê não faz escriptura de hypotheca, faz escriptura de doação. Foi o que me disse o sr. Manuel Firmião.

— «Não, senhor, não, senhor, não foi isso que o sr. Manuel Firmião me disse. Isso, não, senhor. Isso não faço eu.»

E a pobre mulher, que era uma simploria, comprehendem a grandeza do logro em que estava metida.

O tabellião avisou Manuel Firmião e não sancionou o logro. Este então, aceitando a hypotheca, mas furioso por se ter mallogrado a maroteira, mandou executar a mulher immediatamente. E adeus cantatas de piedade! Adeus amor do proximo! Adeus postizas indignações contra o primeiro credor!

A mulher não sabia nada do que se estava fazendo. O tabellião confiava na boa fé das partes e não fazia explicações nenhuma. A mulher dizia a tudo que sim, porque não percebia uma palavra da lenga da justiça e mestre Manuel Firmião malava duas lebrés d'um tiro, ficando com a casa e fazendo de *amigo dos pobres*. Como a maroteira deu em secco, já o outro credor era um santo e a mulher uma infame.

Que grande patife! Que refinadissimo tratante! E eis ahí o homem que é governador civil de Aveiro! Eis ahí o homem que insulta a memoria de José Estevão, como insultou em vida aquelle grande espirito! Eis ahí o puro que nos vai chamar aos tribunaes, por o *Povo de Aveiro* o ter zurrizado com a maior independencia e verdade, na defesa da causa mais santa e mais digna que tem apparecido n'esta terra!

Não importa, malandro. Deixa estar que nos tens no lombo para toda a tua vida. Não nos mettes medo.

E do sr. tenente, que tambem nos quer processar, faremos n'outro dia.

Não foi tanto o espirito clerical, como a intenção reservada de infamar a apothese de José Estevão, que levou os ciganos a introduzir entre nós as irmãs da caridade.

E' certo que o sr. tenente é um fraldiqueiro de alcovas femininas, um lambe-lambe porcarías, e que n'essas regiões domina o espirito clerical e beato. Em Aveiro não ha burguezia, nem aristocracia, salvo meia duzia de familias, que são, por signal, das mais liberaes e honestas. Mas ha uma coisa muito peor do que isso: — a imitação, a macaqueice d'uns pobretões, que, não sendo nada, querem por força ser fidalgos e burguezes. E como não podem fingir que o sejam nos dinheiros e nos pergaminhos, fingem que o são nos habitos, nos costumes,

na politica etc. E então, porque no grande tom é moda, são clericais e são beatos, são amigos do jesuitismo e das irmãs da caridade, principalmente o elemento feminino a quem nos estamos referindo em especial.

Não conhecemos nada de peor e de mais ridiculo que essa macacada, macacada que se encontra em todas as terras de provincia, macacada prejudicialissima á civilização, porque tem todos os defeitos da verdadeira burguezia beata e não tem nenhuma das suas qualidades.

Eri Lisboa encontra-se uma burguezia rica, uma aristocrata de primeira linha. Ihana, affavel, conversando amavelmente com todos, brancos ou vermelhos, embora os seus sentimentos clericais, por uma aberração psychica, sejam os mais funestos á liberdade e á civilização. Encontra-se muito d'isto, embora nem todas assim sejam. Nas provincias, tambem se encontra muita senhora bem collocada, e essas são exactamente as senhoras de distincção, com aquellas boas qualidades de sociabilidade, até democradas nos costumes. A macacala, essa geralmente é horrivel no seu desdém petulante e tolo. E assim como refina na má educação, assim refina na perversão dos sentimentos moraes, tornando-se, unicamente por julgar que fica bem assim, mil vezes mais dissoluta e mais intolerante que a burguezia ou a aristocracia de raça.

Ora, como já dissemos, o sr. Vilhena é cão fraldiqueiro d'esse meio. Por conseguinte, ha de lhe receber as inspirações e a influencia. Repellido pela verdadeira burguezia de Aveiro, muito diminuta, e essa, que acompanhou José Estevão e Mendes Leite, geralmente liberal e honesta, alli bebe e alli lambe todas as porcarías moraes e todas as mais porcarías de todas as especies. E d'esse modo se explica uma parte das suas tendencias para as *manas* e para o jesuitismo.

Porém não é só isso. O mais importante, e o que mais influuiu no espirito d'aquella gente, foi o supposto golpe no nome de José Estevão.

Como se tem visto dos extractos do *Campeão das Provincias*, aqui publicados, o odio contra o grande tribuno era implacavel e feroz. Elles chamam aquillo — guerra politica. Os leitores chamaram-lhe — guerra de bandidos. Porque não se combate politicamente um homem chamando-lhe ladrão, moedeiro falso, assassino etc. Indague o maior desbragamento de que o jornalismo tenha usado e vede se algum dia se empregaram contra algum politico os termos de ladrão, de assassino, de moedeiro falso, e outros identicos que o papel da Vera Cruz empregou contra José Estevão. Assim só se trata o sr. Manuel Firmião, o fernando cego e o manel ceguinho. Porque esses homens não se tratam como politicos. Tratam-se como aquillo que são. E deshonrando elles a magistratura e o paiz pela missão social que desempenham, sendo um elemento terrivel de dissolução, manda a moralidade e o decoro publico que só assim se tratem. Ora do sr. capitão, dos cegos e dos ceguinhos, todo o mundo conhece as proezas. Não se insultam nem se caluniam. De José Estevão, ninguém teve senão que lhe admirar o caracter e que lhe recordar a pureza d'espirito.

Politicamente pôde-se chegar ás maiores violencias. Chegou-se onde chegou o papel da Vera Cruz contra o grande tribuno, só se justifica pela profunda convicção em que se esteja d'aquillo que se avança. E n'esses casos é dever de honra e de caracter manter em todos os tempos o que se escreveu um dia. Ora a prova da ferocidade e da infamia, com que se combateu José Estevão, é que são os proprios membros da companhia dos malandros que hoje se confessam admiradores do seu caracter e respeitadores das suas virtudes.

Attente-se n'isto, que é importante! Veja-se a quanto desceu a biliarria! Chama-se a um homem ladrão, assassino, moedeiro falso, tudo quanto ha de peor e depois diz-se que não houve homem mais virtuoso do que esse! Quer dizer, de si proprios declaram que lançaram friamente contra um homem os mais vis improperios, as maiores affrontas, por calculo, por interesse, com um intuito especial. Que nojentas creaturas!

Mas não. Elles foram uns grandes miseraveis. Elles proprios o confessam, para ver se o publico lhes leva a conta de circumstancia attenuante a confissão espontanea. Durante a vida de José Estevão, accusando-o de irreligião, intrigando-o com os preconceitos populares, conseguiram levantar as massas contra elle. Morto o homem, o povo viu o erro, o povo arrependeu-se, o povo penitenciou-se e como a sua indignação natural seria primeiro contra os que o induziram a errar, estes, que não tinham base para continuar o odio porque o morto era puro, alapardaram-se logo e abriram a procissão dos penitentes até junto da sepultura do famoso orador.

Era uma nova especulação. Era uma outra infamia, de que não tiveram duvidas, porque, para elles, acima de tudo está o interesse material e as necessidades da barriga. Penitenciam-se, pois, das facadas que vibraram a José Estevão.

Entretanto, no fundo o odio subsistia. Porque? Que lhes fizera José Estevão? Não se associava ás suas porcarías, nem lh'as admittira, nem lh'as tolerára. Não houvera outra razão, não a podia haver.

O odio subsistia e alastrava-se n'aquelles corações de tigres. A cidade de Aveiro quiz pagar uma divida sagrada á memoria do seu filho mais illustre. Elegeram-se commissões, mas as tentativas malograram-se, pela guerra surda, em grande parte, dos insignes malandros.

Por fim, uma commissão d'artistas lançou hombros á empreza. Como a levariam ávante se outros mais poderosos fraquejaram no caminho? Assim pensaram os homens da Vera Cruz. Deixaram correr o tempo, sem hostilidades, que os comprometiam, mas tambem sem apoio decisivo. E quando menos o esperavam, a tarefa gloriosa dos artistas tocava o termo do triumpho!

O alarme foi grande no seio da companhia, o desespero terrivel. Desfazer a obra era impossivel. Qual o melhor recurso? Compromette-la, desprestigia-la, tirar-lhe todo o valor moral. Processos jesuiticos, a que se lançaram com afan.

E o odio alargava-se, alargava-se n'aquelles corações de tigres.

Pensou-se em inutilizar o lyceu. Era uma lembrança de José Estevão que se pagava no coração dos vindouros. Mas houve quem desconfiasse, quem, por assim dizer, tivesse o instincto do plano. A opinião publica agitou-se. A onda popular cresceu. Arrosta-la n'aquelle instante, podia ser a queda do plano infernal. Transigir com ella era uma probabilidade de triumpho. O temperamento nacional não é para luctas repetidas. O jornalista cança-se. O publico aborrece-se. O povo é como uma creança. Dá-se-lhe um brinquedo para que não chore quando se lhe tira outro. E os homens pensaram que cedendo no lyceu ficariam livres para outros attentados. E d'ahi a historia das irmãs hospitaleiras.

E' o odio, sempre o odio a José Estevão! Allí nunca houve outro plano, nem se pensou n'outro projecto. De contrario, a pendencia estaria resolvida ha muito tempo, pelos motivos que vamos relatar.

No hospital nunca houve o desleixo que elles dizem. Haveria menos zelo e menos attenção da parte dos mezarios. Isso sim. Mas a falta de zelo remedia-se com zelo e a falta de attenção remedia-se com attenção. E tanto isto

é assim, que o proprio Almeida Vilhena confessa que, já antes de ter introduzido as irmãs da caridade no hospital, elle tinha acabado com muitos dos abusos. Supponhâmos. Se tinha acabado com muitos, podia acabar com todos. E a ninguém se mette na cabeça, porque seria a negação das leis da natureza, leis que não se negam, que só as irmãs hospitaleiras tenham a força bastante de caracter para não abusarem no exercicio das suas funções.

Pelo contrario; a irmã hospitaleira é contraproducente nos hospitaes. E' preciso acabar com essa lenda, que o papel da Vera Cruz inconscientemente vai repetindo por ahí aos espiritos menos cultos, de que a irmã da caridade é o anjo tutelar dos hospitaes. Os nossos ultimos supplementos já citaram varios abusos por ellas praticados e no proximo supplemento, que publicaremos depois de amanhã, daremos ao publico a confirmação plena de que a irmã da caridade é um elemento damninho nas casas de saúde. De tal forma, que por esses motivos tem sido expulsas dos hospitaes estrangeiros, principalmente dos hospitaes francezes, onde o seu numero é cada vez mais reduzido com applauso dos doentes e do publico. Já o dissemos aqui, para desmentir o papel da Vera Cruz, e só pelo muito assumpto que nos assoberba temos deixado de nos alongar em considerações a tal respeito. Virão em breve.

Portanto, não foi a necessidade, nem a economia que levou o sr. Almeida Vilhena á infamia que estamos combatendo. Porque se por um lado a irmã hospitaleira exercer o seu mister de graça, por outro, inhabilitada de tratar certas doenças, para que é mesmo imprópria, e a que é rebelde, não dispensa os enfermeiros e ahí estamos nós cahidos no inconveniente que se queria remover. Que o digam os medicos, se quizerem ser sinceros.

Mas que fosse a economia. Ha economia alguma que compense o perigo social do lazarisimo? Ha economia alguma que pague um desrespeito á memoria de José Estevão?

Bastava o conflicto que se dá com a memoria de José Estevão, para que a companhia dos malandros recusasse no seu proposito, se não tinha outro que não fosse servir os interesses economicos do hospital. Os clamores do publico não passarão de preconceitos? Supponhâmos. Admittamos que não ha nenhum insulto para a memoria de José Estevão. São entretanto preconceitos tão sympathicos e tão justos, que todo o homem de boas intenções se devia curvar deante d'elles.

Depois, bem ou mal não é a opinião publica que governa? Pois esses malandros, que estão sempre appellando ahí para a opinião publica, não a ouvem nem a sentem? Se é a opinião que manda, as auctoridades não cahiam em desdouro por a reconhecer e acatar. Principalmente, quando era no hospital uma meza provisoria que levantava o conflicto. Se em ultimo caso a meza não queria dar, como vulgarmente se diz, o braço a torcer, para que, aliaz, nenhum motivo existia, que se demittisse e outra, que viesse, que repozesse nos seus termos a questão. Assim ficaria tudo limpo e honrado.

Não, não foi a questão d'economia, nem ha economia para ladrões, que introduziu entre nós as irmãs da caridade. Já demonstrámos a valer como essa questão é uma questão contraproducente. Foi o plano miseravel e infame de cuspir a memoria de José Estevão. Procura-se simplesmente espesinhar o nome mais brilhante que surgiu n'esta terra.

Cidadãos, seria um vilipendio eterno para nós consentir essa vil patifaria. Um povo honra-se, honrando os seus. Honremos as nossas glorias e teremos honrado a sepultura de nossos paes e o berço de nossos filhos.

Ao comicio. E protestemos sempre, protestemos até ao fim.